

JEAN LAUAND

Expressões populares brasileiras: significado e datação – vol. 3

**...Acabei fundo // Águas passadas // Alturas do campeonato //
Aparências enganam // Apesar dos pesares // Assomo de coragem //
Campo minado // Combinar com os russos // Como manda o figurino //
Criar coragem // Criar vergonha // Dar de barato // Dedo de prosa //
Deixar barato // Desculpa esfarrapada // Devagar com o andor // Dois
dedos de prosa // Dois pesos e duas medidas // Dose de ingenuidade //
Efeito dominó // Fio de esperança // Gol espírita // Horóscopos na
imprensa // Intrigas da oposição // Lampejo de consciência // Leve
impressão // Maçã podre // Metafísica da saudade // Mínima ideia //
Mínima noção // Não levar desaforo para casa // Pálida ideia // Palmo
adiante do nariz // Pano de fundo // Para-choques de caminhão //
Parcos conhecimentos // Pingo de vergonha // Pisar em ovos // Pitada
de ciúme // Ponta de ciúme // Ponta de inveja // Pontinha de ciúme //
Pontinha de inveja // Provérbios e sua forma oriental // Reação em
cadeia // Relógios de sol // Resto de esperança // Salvar as aparências //
Sem mais delongas // Sem sombra de dúvida // Singela homenagem //
Tenha a santa paciência! // Tirar satisfações // Toque de classe //
Traço de tristeza // Vaga ideia // Vaga lembrança // Vergonha na cara**

Copyright © 2026 do autor
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2026

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University
Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean
Expressões populares: significado e datação – vol. 3
São Paulo: Cemoroc, 2026
ISBN 978-65-02-12688-2

1. Cultura brasileira 2. Expressões idiomáticas – Dicionários 3. Expressões populares 4. Dicionários
CDD-469.31

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://cemoroc.fe.sp.br/page5.html>

Sumário

Introdução	05
Expressões brasileiras, seu significado e datação	07
...Acabei fundo	07
Águas passadas...	08
Alturas do campeonato (A estas / Nessas).....	10
Aparências – aparentemente; as ap. enganam; salvar as ap.	11
Apesar dos pesares – a metafísica da saudade	12
Combinar com os russos, a verdadeira origem da ideia	14
Criar coragem	15
Desculpa esfarrapada	16
Devagar com o andor que o santo é de barro	17
Dois pesos e duas medidas	20
Efeito dominó / reação em cadeia / maçã podre: 3 metáforas	22
Gol espírita.....	23
Horóscopos – Uma ironia astrológica do séc. XVII.	25
Deixar barato / Dar de barato.	27
Não levar desaforo para casa / Tirar satisfações.	28
Pano de fundo	30
Para-choques de caminhão – filosofia do irmão da estrada	31
Pisar em ovos / campo minado.....	37
Provérbios em frases nominais	39
Sem mais delongas e outros bordões de floreio	40
Como manda o figurino	41
Intrigas da oposição	41
Tenha a santa paciência!	42
Vergonha na cara / Criar vergonha.	43
Parte II - Vinte e tantas expressões consagradas desde o séc. XIX para designar pequenas quantidades e nuances.	47
Sem sombra de dúvida.....	48
Pingo de vergonha	48
Pontinha de inveja	49
Ponta de inveja	50

Pontinha de ciúme	51
Pitada de ciúme	51
Ponta de ciúme	51
Vaga lembrança (/ideia / noção).....	51
Mínima ideia	52
Pálida ideia	52
Mínima noção	53
Leve impressão	53
Dose de ingenuidade	54
Traço de tristeza	54
Toque de classe	55
Dedo de prosa	56
Palmo adiante do nariz	57
Fio de esperança	58
Lampejo de consciência	58
Parcos conhecimentos	59
Resto de esperança	59
Assomo de coragem	560
Singela homenagem	60

Introdução

Este livro apresenta verbetes preparados para integrar um grande dicionário de expressões, a ser publicado pelo autor. É dedicado a comentar o sentido e a datar a aparição na imprensa brasileira de algumas locuções que, há muito, andam na boca do povo.

Para a elaboração desses verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos como BN), que permite a consulta on-line de milhares de periódicos desde o surgimento da imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da Federação do qual ela procede.

Nos verbetes, o leitor encontrará informações sobre a origem das locuções, podendo verificar, em cada caso, a primeira ocorrência de uma expressão na imprensa nacional.

Logo no começo, encontrará dois vigorosos exemplos de que os fraseologistas nem sempre cuidam do rigor científico e, nesse campo, a lenda, por vezes, prevalece sobre os fatos: a autoria da famosa frase do folclore futebolístico – “Fiz que fui, não fui, acabei fundo” – é creditada a dez futebolistas diferentes! E o famoso “combinar com os russos” – falsamente atribuído a Garrincha – ocorre, em sua ideia essencial, em 1935!

O verbete “Apesar dos pesares” traz um aprofundamento filosófico na especificidade da saudade: o que a torna patrimônio único da língua portuguesa.

Uma observação muito interessante sobre as expressões neste livro analisadas é a de que, em sua grande maioria, já vigoravam no século XIX, sendo algumas bicentenárias, como é o caso de “Dois pesos e duas medidas”, que ingressou na BN a propósito de Lady Ellenborough, figura escandalosa, célebre em todo aquele século.

Em “Horóscopos” pode-se acompanhar a evolução das previsões astrológicas em nossa imprensa e um curioso caso histórico nessa trajetória.

O nutrido verbete “Para-choques de caminhão...” contempla a sugestiva “filosofia do irmão da estrada”, comparando-a à das inscrições dos antigos relógios de sol. Outro verbete que se alonga é o de “Provérbios em frases nominais”, que analisa nossa paremiologia à luz dos sistemas língua/pensamento orientais.

A Parte II traz quase trinta expressões consagradas desde o século. XIX para designar pequenas quantidades ou sutis nuances de sentimentos, ideias e percepções. São expressões que evocam emoções como “sem sombra de dúvida”, “não ter um pingo de vergonha” ou “pontinha de inveja”. Ou outras, como “vaga lembrança”, “pálida ideia” e “leve impressão”, que traduzem a fragilidade e a efemeridade de percepções e memórias, enquanto “dose de ingenuidade” e “traço de tristeza” apontam para a sutileza dos estados emocionais. Além disso, há também expressões que indicam pequenas medidas físicas, como “dois dedos de prosa” e “palmo adiante do nariz”, ampliam essa riqueza linguística, trazendo uma dimensão concreta para o abstrato.

Com esse estudo, procuramos oferecer alguma informação histórica e sociológica que, pelas saborosas formas da linguagem, nos permita compreender melhor nossa realidade.

Parte I

Expressões brasileiras, seu significado e datação

...Acabei fondo

Este verbete serve para ilustrar a natureza profundamente incerta da memória e da “tradição” oral, especialmente no universo do folclore do futebol. Entre as histórias mais emblemáticas, destaca-se uma frase lendária atribuída a um atacante, que, ao ser entrevistado pelas rádios logo após a partida, foi indagado sobre um “gol espírita” (ver verbete neste livro) que teria marcado. Sua resposta, carregada de mistério e humor, foi: “Fiz que fui, não fui, acabei fondo”.

O mais impressionante é constatar que essa frase, tão icônica, aparece 16 vezes na BN, e sua autoria é creditada a nada menos que a dez jogadores diferentes! Esse fenômeno revela não apenas a fragilidade da memória coletiva, mas também como o folclore esportivo se alimenta da imprecisão, criando mitos que transcendem a realidade e se perpetuam no imaginário popular. A seguir, apresenta-se a lista – em ordem cronológica – das ocorrências na BN e correspondentes jogadores tidos como autores.

Valdomiro (Internacional) – “Gazeta do Vale” SC, 14-12-1975

Claudiomiro (Internacional) – “Manchete Esportiva” RJ, 15-11-1977

Grapete (Atlético-MG) – “Correio Brasiliense”, 27-10-1979

Sabará (“o ponta direita”) – “Jornal do Brasil” RJ, 19-05-1985

Fio Maravilha – “Jornal do Brasil” RJ, 01-10-1989

Miruca (Náutico e Palmeiras) – “Alto Madeira” RO, 11-09-1983
Cafuringa (Fluminense) – “Tribuna da Imprensa” RJ, , 11-11-1983
Miruca (Náutico e Palmeiras) – “Jornal do Commercio” RJ, 12-09-1983
Dodô (Atlético-MG) – “Repique” AC, 01-07-1985
Cafuringa (Fluminense) – “Correio do Norte” SC, 26-1983
Claudiomiro (Internacional) – “Jornal do Brasil” RJ, 17-10-1999
Jardel (“Grêmio”) – “Jornal do Commercio” RJ, 07-12-2011
Nunes (“Flamengo”) – “Jornal do Commercio” RJ, 19-07-2013
Jardel (“Grêmio”) – “Correio Brasiliense”, 07-12-2011
Nunes (“Flamengo”) – “Correio Brasiliense”, 14-07-2013
Nunes (“Flamengo”) – “Município” SC, 15-07-2014

Águas passadas...

A expressão “águas passadas” convida-nos a aceitar que o passado, de forma irreversível, já ficou para trás e não exerce mais influência sobre o presente. Trata-se de uma forma abreviada de um provérbio muito antigo e de inegável sabedoria: “Águas passadas não movem moinho”. A água corrente só é capaz de girar a roda do moinho no exato momento em que passa por ela; depois disso, não há como reutilizá-la para fazer o moinho funcionar novamente.

Assim, a expressão é usada para aconselhar alguém a abandonar saudosismos estéreis, perdoar e superar mágoas antigas, deixar de se lamentar por algo que não pode ser mudado e focar na ação presente.

O uso da expressão na BN remonta à pré-história da imprensa nacional, aparecendo pela primeira vez em uma crônica sobre a ocupação portuguesa da Banda Oriental, atual Uruguai:

Dizem que o general Lecór alegára, que, quando chegou com a expedição à altura de Sancta Catharina, se encontrára com navios

vindos do Rio da Prata, pelos quaes soube que tinha havido naquellas paragens grandes tempestades; e receando por isso que não pudesse fazer o desembarque em Maldonado, se decidiu a desembarcar em Sancta Catharina e marchar por terra.

Desaprovamos esta razão; porque he fóra de propósito ter o General medo das tormentas, que já tinham passado; pois não havia de dar à costa com os ventos rijos, que haviam encontrado aquelles navios vindos do Rio-da-Prata; com aguas passadas não móe o moinho; nem com as tormentas passadas se havia de perder a esquadra.

(“Correio Braziliense” Londres, 1817)



Moinho d'água – Van Gogh

A força do provérbio é tamanha que somente em 1844 a forma abreviada “águas passadas”, sem o complemento “do moinho”, surge na BN (“O Brasil: Vestra res agitur” RJ, 05-09-1844). Foi somente no final do século XIX que essa forma abreviada passou a prevalecer, em consonância com a lei do mínimo esforço.

Alturas do campeonato (A estas / Nessas)

Mais uma expressão originária do futebol.

Uma observação importante é que a expressão utiliza o plural “alturas”, o que é mais adequado para indicar não um momento isolado, mas todo um percurso dentro de um processo longo e complexo. A locução “nessas alturas” sugere que, nesse estágio avançado do campeonato, dificilmente haverá reversão da situação – ou seja, já é tarde para mudanças significativas.

Curiosamente, a expressão é antiga – aparece na BN em 1931, já em contexto futebolístico – as precariedades da seleção de futebol da Apea, Associação Paulista de esportes Atléticos:

Se a Apea ouvisse os preceitos de boa doutrina tecnica que lhe faz “Olympicus”, não estaria a comissão, a estas alturas do campeonato, a dar a impressão de que anda às tontas.

De há muito que “Olympicus” se bate pela conservação em pé de bom treinamento do seleccionado “B” da Apea, como meio de se terem a qualquer momento os verdadeiros substitutos para a selecção máxima.

(“A Gazeta” SP, 04-08-1931)

A expressão permaneceu restrita ao mundo do futebol por quase quarenta anos, mas, subitamente, a partir de 1970 passou a ser muito usada nos mais diversos campos. Como é o caso de:

Disney e Subversão

Walt Disney, a estas alturas do campeonato, deve estar dando pulos no túmulo. Na Alemanha, as suas famosas historinhas do Paro Donald estão sendo considerados o que há de mais prafrentex em matéria de revolução. O velho chinês Mao relegado a um segundo plano. Na versão alemã, “Tio Patinhas” é um capitalista de monopólios e o “Pato Donald” é um social-democrata revisionista. (...) Os textos são traduzidos livremente na Alemanha e as ações do Tio Patinhas são apresentadas em tom marxista e com nítidas tendências maoístas.

(“Tribuna do Norte” RN, 22-05-1970)

Aparências – aparentemente; as aparências enganam; salvar as aparências.

Em português, pode pairar uma certa desconfiança em relação à aparência. Nesse verbete, no Houaiss encontramos:

2 pej. exterioridade enganosa, falso indício; ilusão «a mídia sempre mostra a aparência dos fatos» – por oposição a realidade.

3 p.ext. falso ou dissimulado aspecto; disfarce «com a aparência de alguém excêntrico, conseguiu penetrar sem convite na festa.

Daí que se dizemos: “Aparentemente, ele era um bom e leal amigo...” ou “Aparentemente, eles eram uma família feliz...”, não é de estranhar que as frases se completem com desenganos: “... mas, na verdade, era um oportunista” ou “... mas, na verdade, o ódio imperava naquela casa”. Já no inglês, o *apparently* propende mais à coincidência entre aparência e realidade: provavelmente o amigo era verdadeiro mesmo e a família realmente feliz. Uma sutileza nem sempre levada em conta na dublagem ou legendas de filmes americanos.

Assim, o velho provérbio “As aparências enganam” é antigo na BN e ocorre por primeira vez em:

Não somos nada neste mundo.

Foi essa frase que me ocorreu quando me disseram que tinha falecido o conde de Santa Marinha.

Não há muitos dias que o vira com aquele aspecto herculeo e sanguineo de quem parece disposto a viver um século.

Como as aparências enganam! O gigante era um cardíaco, um condenado, um moribundo!... toda aquela vida era falsa, toda aquela robustez era artificial!...

(“O Paiz” RJ, 11-11-1900)

Mais antiga ainda é a expressão “salvar as aparências”: “preservar o decoro social, escondendo algum motivo de desonra, segundo os preceitos sociais hegemônicos numa sociedade” (Houaiss)

Quanto ao Governo cumpre-lhe punir os crimes, até para salvar as aparências, e não dar patente assenso às ilegalidades de huma

facção, que toda se aplica em desfeitiar, e perseguir os Brasileiros, que fizeram o 7 de Abril.

(“O Filho da Terra” RJ, 11-11-1831)

Apesar dos pesares – a metafísica da saudade

A locução concessiva “apesar de” (equivalente a “embora” e “ainda que”) deriva, naturalmente, do verbo “pesar”, como em: “em que pesem as razões em contrário...”.

Já na expressiva fórmula “apesar dos pesares”, ela se combina com o substantivo “pesar” – no sentido de tristeza ou dissabor – para indicar que, em determinada situação, tais dificuldades não são absolutas: subsiste, ainda assim, um lado positivo. mesma bivalência que se observa na expressão “vale a pena”: de um lado, o valor positivo de “vale”; de outro, a conotação negativa de “pena”.

Essa duplicidade entranhada na expressão torna-a particularmente apta para referir-se à natureza complexa da saudade, sentimento marcado por uma surpreendente dualidade. Saudade – e esse é o segredo desse patrimônio único da língua portuguesa – é uma combinação agridoce: dor, mas dor gostosa; dor que não é pura dor, mas traz a consolação do prazer; prazer que dói, como se vê na genial trova de José Bruges:

Saudade, por mais que doa

É, nesta vida fugaz

A única coisa boa

De todas as coisas más

Como, por exemplo, traduzir para outra língua o verso da canção “Outra vez” de Isolda, imortalizada por Roberto Carlos: “Das lembranças que eu trago na vida, você é a saudade que eu gosto de ter...?”

A explicação filosófica dessa bivalência é dada por Santo Tomás de Aquino, no século XIII (quando mal havia português e não estava formada a palavra “saudade”!). Ele fez um agudo diagnóstico – em que inclui até a

explicação causal – da saudade: a dor, diz ele, é por si contrária ao prazer, “mas pode acontecer que um efeito *per accidens* da dor seja deleitável, como quando produz a recordação daquilo (pessoa, terra, etc.) que se ama e faz perceber o amor daquilo por cuja ausência nos doemos. E assim, sendo o amor algo deleitável, a dor e tudo quanto provém desse amor também o serão” (I-II, 35, 3 ad 2).

Assim, a saudade, na lembrança da dor de uma perda (como a da maloca), a atenua pela evocação, que a acompanha indissociavelmente, da felicidade – como na “Saudosa Maloca” – “dos “dias feliz” que “nóis passemu”...

O gênio poético de Vinicius de Moraes – na canção “Onde anda você?”, em parceria com Hermano Silva – liga expressamente nossa expressão à saudade:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam os seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?
(...)
Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

A expressão “apesar dos pesares” aparece na BN já na pré-história de nossa imprensa e na luta pela Independência:

Chegou porém o tempo de se correr a cortina, aonde estava pintada a scena do engano, e apparecerá, a pezar dos pezares, a verdade nua e crua, não obstante os esforços para a cubrir. Está

decidido, que o Brasil já não soffrerá mais ser ludibriado pelas Côrtes.

(“Correio Braziliense” Londres, 1822)

Combinar com os russos, a verdadeira origem da ideia

Segundo Ruy Castro, criterioso biógrafo de Garrincha, é apócrifa a história que atribui ao Mané a famosa sentença, como mostra seu artigo publicado na Folha de S. Paulo em 4 de abril de 2021:

Diz a lenda que, pouco antes do jogo Brasil x URSS pela Copa do Mundo de 1958, na Suécia, Vicente Feola, o treinador brasileiro, reuniu seus jogadores no vestiário e traçou a estratégia que, com a bola de pé em pé pelo nosso ataque no meio da defesa russa, levaria ao primeiro gol do Brasil. Não tinha erro — a jogada era mortal. De repente, Garrincha perguntou a Feola: “Mas o senhor já combinou com os russos?”. (...)

A expressão é boa, mas a história de Garrincha não aconteceu e ele nunca disse a frase. Para meu livro “Estrela Solitária”, sobre a vida do jogador, conversei com quatro pessoas presentes naquele vestiário em 1958: o preparador físico Paulo Amaral e os jogadores Bellini, Didi e Nilton Santos. Todos me disseram que Garrincha sequer foi chamado a ouvir a preleção – porque não adiantava, só fazia o que lhe dava na cabeça.

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/12/1840473-combinar-com-os-russos.shtml>)

Na verdade, há um diálogo com a ideia raiz da expressão, que remonta a 1935 e ocorreu entre duas famosas personalidades do turfe dos anos 30 e 40: o célebre empresário (proprietário e importador de puros-sangues) Oswaldo Camisa e o jóquei Osmany Coutinho.

A conversa é narrada jocosamente por “O Imparcial” de 27-07-1935:

O Sr. Oswaldo G. Camisa chamou o jockey Osmany Coutinho, que ia pilotar um dos seus pensionistas e deu a seguinte ordem:

- Porta bem. Colloque-se. E na recta final venha por dentro e vença.

O profissional, que faz cabelos brancos no starter, enguliu duas vezes o ar e gaguejou:

- Ma... mas o se-se-senhor já... já fa-falou com os outros?...

Para muitos fraseologistas superficiais, pouco conta a verdade dos fatos; importa mais o que eles imaginam que é mais “interessante”, impactante, a lenda. No filme “O homem que matou o facínora” (1962), o personagem Ransom (um advogado pacato, culto e avesso a armas, que acaba por se eleger senador), de volta à sua pequena cidade, após anos afastado, conta ao editor do jornal local a verdadeira história – totalmente sem graça – da morte do bandido Liberty Valance e que – ao contrário do que dizia a espetacular lenda de muitos anos – não foi ele quem matou o facínora. Ao final de seu relato, Ransom pergunta ao jornalista: “O senhor não vai usar essa história, não é?”. Ao que este responde:

“Não, senhor. Aqui é o Oeste, senhor. Quando a lenda se torna fato, publique a lenda” (“*When the legend becomes fact, print the legend*”).

Criar coragem

Esta é sesquicentenária na imprensa nacional: a expressão preferida é “criar” (e não “tomar”, “adquirir” etc.) coragem. Sua primeira ocorrência na BN é:

Quem presumiria que esta mulher, que triunpharia em Paris, assim como reinava em Troyes, resava fazendo-se admirar de formosura, e que tinha sob o rico vestido, um rosario no qual

tocava, de quando em quando, para criar coragem e exhortar-se a ser tafula?

(“A Actualidade” RJ, 05-03-1863)

Desculpa esfarrapada

Por alguma misteriosa razão, certas expressões caem no gosto popular e acabam cristalizando em fórmulas consagradas, como é o caso de “desculpa esfarrapada”. Claro que podemos usar variantes como “desculpa fraca”, “ridícula”, “insuficiente etc.”, mas “esfarrapada” é a titular absoluta nesse campo.

Quando, há cerca de duzentos anos, alguém criou essa expressão talvez não imaginasse que ela se consagraria e conquistaria o povo. Ela surgiu despretensiosamente na BN em 1831, em meio a uma polêmica de um jornal contra os concorrentes “Aurora” e “Farol”:

Ou o Snr. Vergueiro, nome classico, não é a Divindade, que diz a Aurora, ou como tal não dorme nos negocios da Patria; e então a sua vigilancia devia acordar aos dorminhocos das onze horas! que com elle estão ao leme do Governo, contra as ordens d’Aurora, e do Farol, que tanto insultou ao Snr. General Francisco de Lima, até que elle desmentio ao Farol das doutrinas retrogradadas, e aristocraticas que o Brasil detesta. A isto, Snr. Redactor d’Aurora, não póde Vmc. dar nem mesmo aquela volta, ou desculpa esfarrapada com que se sahio como Redactor, e Deputado, às bonomias Clementinas.

(“Nova Luz Brasileira” RJ, 11-06-1831)

Devagar com o andor que o santo é de barro

Essa expressão é bastante antiga, originária de um tempo em que o catolicismo era a religião absolutamente dominante. As procissões, naquele contexto, tinham um significado religioso e social de grande importância. Eram verdadeiros rituais de multidões, nos quais as pessoas expressavam coletivamente sua devoção, ao mesmo tempo em que reafirmavam a identidade comunitária e fortaleciam a coesão social – por exemplo, celebrando o santo padroeiro da cidade. Esses eventos reuniam diferentes classes e grupos sociais em um espetáculo público marcante.

O andor, elemento central dessas procissões, era conduzido por duas (ou mais) fileiras de homens que o carregavam com extremo cuidado. Qualquer descompasso, tropeço ou sacudida poderia fazer com que o santo, feito de barro, caísse e se despedaçasse.



Fiéis conduzindo andor de imagem de Nossa Senhora em Salvador

A primeira aparição da expressão na BN é na forma reduzida. Recém-proclamada a República, em meio a discussões de políticos ligados ao governo provisório sobre quem deveria ser o presidente, o jornal adverte:

Devagar com o andor... isso é com o povo.

(“A Republica” RJ, 17-11-1890)

Sua estreia na BN em forma completa dá-se em advertência ao excesso de confiança com que “A Assucareira” presumia contar com favores do governo:

Tenham paciência; não vão tão depressa, que do prato a bocca, muitas vezes se perde a sopa. Ou ainda em mais própria expressão popular: devagar com o andor que o santo é de barro.
(“A Notícia” RJ, 04-12-1905)

O provérbio “Do prato à boca se perde a sopa”, que também recomenda cautela e não cantar vitória antes do fim – pois sempre podem aparecer imprevistos indesejáveis – existe na BN desde 1859 (“Jornal do Recife”, 09-04-1859). Sua última aparição na BN deu-se no final do século XX. Com a Bolívia praticamente classificada para a Copa do Mundo de 1994, o técnico Azkargota recusava-se a comemorar:

O povo boliviano já comemora, mas estou muito realista. Não estamos classificados e todos sabem que muitas vezes do prato à boca se perde a sopa. Devemos continuar trabalhando, agora mais do que nunca.
(“Jornal dos Sports” RJ, 29-08-1993)

A advertência sobre o andor é baseada na experiência de vários desastres, incluindo aqueles que continuam acontecendo ainda hoje, como o ocorrido em 13-06-2023 em Patos de Minas:



<https://www.youtube.com/watch?v=effLNXeabSo>

O provérbio foi celebrado – em diversos aspectos – no samba-enredo da Unidos da Tijuca em 1983:

Brasil, devagar com o andor, ô ô ô
Porque o santo é de barro

A natureza e a matéria Deus criou
Na bela arte o homem o valorizou
Lá no sertão
Esta matéria é transformada em modelo
E aquele que trabalha nesta arte faz valer
O sacrifício pra poder sobreviver
(...)
Lá se vai a procissão
Deste barro se faz tudo
Neste barro piso o chão
Deus fez o homem
E o homem faz a arte
Que se alastra em toda parte
Desde sua criação
(...)
Que maravilha
Que beleza tão singela (bis)
Que grande arte
Mas caindo se esfacela
(<https://www.lettras.mus.br/unidos-da-tijuca-rj/1757367/>)

Hoje, com o acentuado declínio da prática de procissões, muitos conhecem o provérbio e sabem que ele é uma forma de pedir calma, mas ignoram seu verdadeiro significado – e até o que seja um “andor”. Assim, acabam criando “reformulações” estapafúrdias, que lhes soam mais familiares como “devagar com o ardor que o santo é de barro” ou “devagar com a dor que o santo é de barro”! Esta nova expressão, “Devagar com a dor”, chegou a tornar-se título de uma canção, (<https://www.cifraclub.com.br/zeca-preto/devagar-com-dor/>), que diz “Devagar com a dor que o homem é de barro” e ganhou até um verbete em um dicionário da Internet: (www.dicionarioinformal.com.br/devagar%20com%20a%20dor/)

Dois pesos e duas medidas

A expressão entrou na BN em 1830, na tradução de um discurso político inglês sobre o escandaloso divórcio de Lady Ellenborough. Esse evento – como tudo o que acompanharia a vida de Jane Digby, então Lady Ellenborough – foi um dos muitos casos ruidosos da dama e teve impacto internacional.



Lady Ellenborough

<https://reuvefaingold.com/uma-inglesa-das-arabias/>

O caso tem sido por mais de huma vez excitado pelos membros da opposição, que aproveitaram a circumstancia para cahirem sobre hum membro do Gabinete. O mais notavel discurso desta discussão foi o do Doutor Lushington, que tratou a materia com decencia e gravidade. Qualquer que seja o resultado de hum processo de divorcio, he sempre certo, que huma medida so applicavel às classes distinctas, a concessão de hum Bill de divorcio, he huma imperfeição na Lei; por que os pobres não são admitidos á requerer hum tal Bill. – Assim, como excellentemente diz hum dos nossos contemporaneos, vêm-se

dous pesos, e duas medidas, huma para o rico, e outra para o pobre.

(“Imperio do Brasil” RJ, 01-07-1830)

Jane Digby era uma espécie de supercelebridade de sua época: perambulava pelo mundo, colecionando maridos e amantes, entre eles o rei Luiz I da Baviera e o rei Otto da Grécia. D. Pedro II registrou em seu *Diário de viagem à Palestina*, em 1876, a visita que fez em Damasco ao xeique Medjuel, último marido de Jane Digby, a quem conheceu nesse encontro e anotou que era uma mulher: “que mostra ter sido muito bela”.

Mas, voltando à nossa expressão, chama a atenção que o orador a atribua a “hum dos nossos contemporaneos”, porque, na verdade, ela é bíblica e encontra-se em Provérbios 20:10.

Já na Vulgata, encontramos:

Pondus et pondus, mensura et mensura: utrumque abominabile est apud Deum.

Na clássica versão de João Ferreira deAlmeida, lê-se:

Dois pesos diferentes e duas espécies de medida são abominação ao Senhor.

E na edição católica tradicional (Pe. Mattos Soares):

Um peso e medida (para dar), e outro peso e medida (para receber), são duas coisas abomináveis diante de Deus.

Talvez o orador inglês estivesse se referindo à oportuna aplicação do versículo bíblico a questões mais amplas do que a fraudulenta e oportunista disparidade de critérios, sempre abominável aos olhos do Senhor.

Efeito dominó / reação em cadeia / maçã podre: três metáforas

“Efeito dominó”, expressão que se tornaria uma das metáforas mais utilizadas em diversas áreas pela nossa imprensa, chegou com muito atraso na BN. A expressão tornou-se mundialmente famosa em 7 de abril de 1954, quando o então presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, a utilizou em um discurso, afirmando que, se qualquer país tombasse sob a influência do comunismo, os países vizinhos também cairiam, como uma fileira de peças de dominó em pé.

A expressão só apareceu na BN quinze anos depois, na tradução de discurso de Nixon, que a utilizou pedindo desculpas aos ouvintes americanos, por considerar o termo antiquado. Nixon ameaçou o Peru com represálias por ter confiscado, sem justa indenização, uma empresa petrolífera americana:

Espero que isto [realizar as represálias] não seja necessário porque teria um efeito de dominó – se me for permitido usar o que se considera um termo antiquado – sobre toda a América Latina.

(“Jornal do Brasil” RJ, 06-03-1969)

Antes do “efeito dominó”, preponderava – desde o fim da Segunda Guerra Mundial e o uso de bombas atômicas – a metáfora da “reação em cadeia”, como no discurso do Secretário de Estado de Truman, Dean Acheson, em 20 de março de 1947, também sobre comunismo e geopolítica do pós-guerra:

A queda econômica da Grécia desataria a reação em cadeia dos golpes comunistas que abrangeriam a Grécia e a Turquia por completo e o colapso destes dois países teria repercussão no mundo inteiro, pois eles constituem o elo entre o leste e o oeste.

(“Correio Paulistano”, 21-03-1947)

Para expressar os mesmos temores de que a queda de um leva à ruína de outros, utilizava-se – sobretudo no âmbito religioso e para estimular uma “blindagem” protetora dos filhos – a antiga e singela metáfora da “maçã podre”, assim apresentada por um jornal da tradicionalista Congregação Mariana:

A maçã podre

Uma boa donzela começou a frequentar companheiras que nada tinham de boas. Sua mãe, que tinha mais prática da vida, lhe mostrou o perigo dessas companhias. Mas a joven respondeu:

– Serei prudente: não me farão mal; antes espero que hei de convertel-as.

A mãe prudente e avisada, julgou que era melhor recorrer ao seguinte expediente: preparou uma cesta de maçãs muito sãs; colheu uma podre que juntou às outras; depois em presença da filha fechou e selou a cesta.

– Minha mãe, disse a joven, a maçã podre corromperá as outras.

– Não, pelo contrário, as sãs hão de melhorar a podre.

Oito dias depois abriu a cesta. Todas as maçãs estavam podres.

– Minha filha, disse a mãe, si uma só maçã, em tão pouco tempo, poudo corromper todas as outras, que sucederá a uma joven boa no meio de tantas más?

A lição foi eficaz.

(“O Apóstolo” SC, 01-12-1938)

Gol espírita

É notório que, no Brasil, o futebol fornece metáforas para as mais diversas situações da vida. Todos entendem, imediatamente, quando se diz, por exemplo:

Não vou aderir a essa greve: não entro em bola dividida.

Não facilite, minha filha, para esse rapaz te conquistar, ele vai ter que suar a camisa.

O novo presidente do Senado é da oposição: vai ser jogo duro e vai embolar o meio de campo.

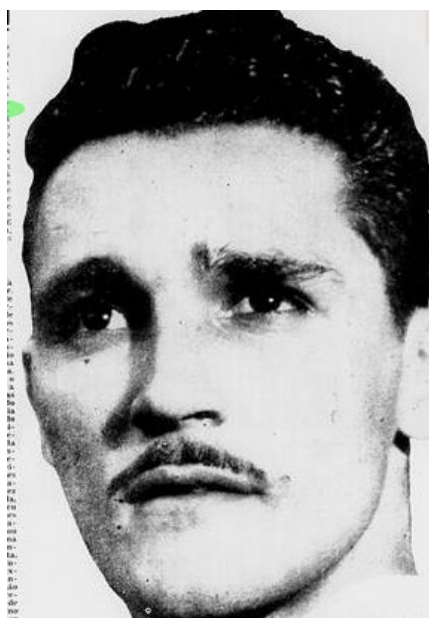
Na reunião de hoje, o chefe fez um verdadeiro gol de placa com aquela proposta inovadora.

Já passei de ano, vou à escola só para cumprir tabela.

O mesmo acontece no sentido contrário: o futebol, em sua linguagem, se vale de metáforas de origem externa ao jogo. O goleiro desajeitado se atrapalha e sofre um gol evitável: é chamado de *frango* (como a ave que não se deixa apanhar); o drible que passa por cima do zagueiro é chamado de *chapéu* ou *lençol*; o atacante que, de costas para o gol adversário, gira o corpo e chuta a bola por cima da cabeça, para trás, faz uma *bicicleta*; se se projeta, aparando a bola muito próxima do solo e dando um salto horizontal, faz um *peixinho*; o adversário que vem por trás e toma a bola é chamado de *ladrão*; *artilheiro* é o jogador que mais marca gols, que mais destrói as defesas adversárias; etc.

Uma dessas metáforas, lúdica e genial, surgiu na BN há exatos 75 anos e rapidamente caiu no gosto dos locutores, comentaristas e torcedores: o gol espírita – um gol surpreendente, improvável, quase mágico e quase impossível.

A expressão ocorre pela primeira vez na BN em longa reportagem – “Nestor: espiritismo e reserva” – sobre os gols impossíveis de Nestor, atacante do Flamengo, jogador de recursos limitados, mas que frequentemente fazia gols, que já eram popularmente chamados de “espíritas”. Já a legenda da foto de um desses tentos, dizia:



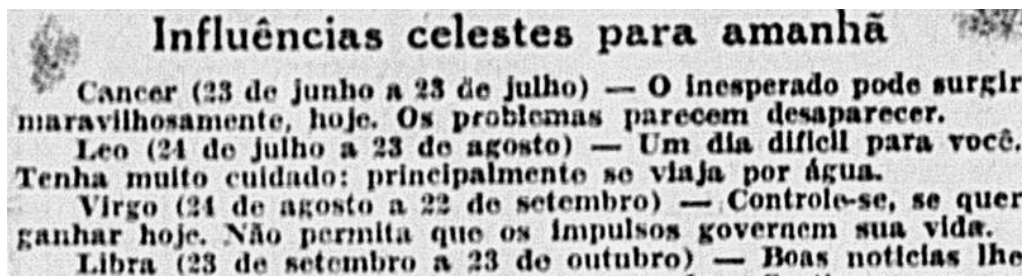
Mais um dos seus famosos gols “espíritas”, outra gargalhada gostosa. O gozo íntimo, enorme, de quem mais uma vez consegue realizar o impossível!...

(“O Globo Sportivo” RJ, No. 665, 1951)

Horóscopos – Uma ironia astrológica do séc. XVII.

Horóscopos na BN. Só tardiamente as previsões astrológicas ganharam volume em nossa imprensa. Durante muito tempo, as seções de Horóscopo nos periódicos da BN limitavam-se aos nascidos no dia de cada edição, iniciando com expressões como: “Se você nasceu no dia de hoje...”.

Somente em 22-07-1947, o pioneiro jornal carioca “A Noite” publicou a seção diária – intitulada precisamente “Horóscopo para hoje” –, assinada por Stella, que inovou ao dedicar a cada signo um par de linhas com previsões para o dia seguinte. No entanto, ainda dedicava metade de seu espaço ao horóscopo do aniversariante do dia, prática que Stella manteve por alguns anos.



A pioneira coluna de Stella em “A Noite” (22-07-1947)

Somente em 1956, “A Noite” adotou a forma hoje usual, dos horóscopos apresentados apenas por signos.

Um jornal como o vetusto Estadão só começou a publicar seu genérico “Dia astral” em 1953 e, em 1960, o “Destino Astral”, referente à semana (como um todo) de cada signo. Só com Oscar Quiroga, desde 1986 (e até hoje, 07-05-2026), viria a cobrir isoladamente cada signo todo os dias.

Jornalismo e astrologia: um marco histórico na revista “Careta”.

Em 24 de maio de 1941, “Careta” lança, com generoso espaço, a seção “Diz-me quando nasceste”, que iria manter por 450 edições, até 7 de janeiro de 1950!

A proposta de Mago, que assinava a coluna, é expressa já na estreia:



Diz-me quando nasceste... dir-te-ei quem és! De acordo com as modernas teorias do famoso astrologo francês Roberto Dax, poderemos definir, das pessoas que desejarem e nos escreverem nesse sentido, o carater, o temperamento, as tendencias etc. Basta enviar-nos o nome, a data do nascimento (dia, mês e hora – si possível). (“Careta” RJ, 24-05-1941)

É claro que, ao tratar dos signos semanalmente, a coluna acabará caindo em repetições, discrepâncias e contradições, mas isso pouco importa para o leitor, que já nem se lembra do que foi afirmado em edições passadas...

Na contra-mão do “marketing” habitual, uma característica surpreendente do autor é que ele não se preocupa em afagar o ego do consulente; pelo contrário, por vezes, declara impiedosamente características negativas do signo. Afirma por exemplo:

Luana – Rio. Pela data enviada, nasceu sob o signo zodiacal do “Capricornio”. “Saturno” lhe orienta a vida. O traço principal do seu temperamento é o egoísmo. Não se mostra sociavel; é hostil ao ambiente que lhe é estranho, custando muito a adaptar-se. (...) Possuindo grande dose de energia, procura emprega-la de qualquer maneira, tornando-se, por isso, às vezes, muito

desagradável. A não ser que tenha a sorte de encontrar um palerma, o casamento nada lhe promete de interessante.

(“Careta” RJ, 09-08-1941)

Uma fina ironia sobre o signo zodiacal no séculoXVII.

Contra a atual tendência de escudar-se no signo para “legitimar” certas características de temperamento – como em “Desculpe, eu sou de Áries e preciso de tudo na hora; espera me mata!”, “Você vai ter que ouvir tudinho; nós virginianos precisamos explicar as coisas minuciosa e detalhadamente” –, há a ironia de um genial antigo provérbio português, recolhido na clássica obra de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. Nele, o egoísmo, comum a todos os humanos, é “reduzido” a uma característica zodiacal:

“Em tal signo nasci, que mais quero pera mym que pera ty”.

(<http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm>)

Deixar barato / Dar de barato.

Expressões semelhantes na forma, mas muito distintas. “Dar de barato” está presente na língua desde 1651 (segundo o Houaiss) e significa admitir sem discussão, aceitar como certo, conceder – ainda que, por vezes, apenas para ressaltar a discordância em outros pontos de um debate. “Barato” aqui tem o sentido de algo que é aceito facilmente, concedido gratuitamente.

Bicentenária na BN, sua primeira aparição na imprensa brasileira ocorre em uma acirrada polêmica entre os capitães-mores Manoel Serqueira e Mello Barreto. Serna, a propósito de uma afirmação no relato de Barreto, faz-lhe uma concessão, mas justamente para questioná-lo em sua falta de coragem:

Quero dar de barato que [Barreto] só tivesse 60 homens, como afirma; para que mais gente para um tão denodado heroe, que

nem por pensamentos quer passar por covarde? Acaso este numero não era superior para bater o inimigo de emboscada?

(“Diario de Pernambuco”, 31-08-1829)

Se “dar de barato” é uma avaliação mental diante de uma situação, informação ou comportamento, a – muito mais recente – expressão “deixar barato” aponta para uma atitude prática ou comportamental, relacionada à reação diante de uma situação, especialmente quando, em forma negativa, envolve não tolerar, não perdoar ou não deixar passar algo sem consequências. Trata-se de uma postura ativa, que implica ação ou resposta diante de um erro, ofensa ou injustiça.

Com exceção de uma isolada e confusa aparição em 1954, “deixar barato” surge na BN em 1969, em um texto no qual Plínio Marcos revisita os duros diálogos dos carregadores do Mercado:

Aquele panaca já é ninguém. Pode apostar. Não vou deixar barato. Sou mais eu. Não dá pé tomar cacetada. Homem muito mais homem que aquele não me biabou. Não vai ser agora que vou me amuar, digo. Se tivesse uma draga aqui comigo, grampeava ele já.

(“Realidade” SP, janeiro de 1969)

A expressão, quase imediatamente, difundiu-se e consolidou-se em seu uso.

Não levar desaforo para casa / Tirar satisfações.

Duas expressões para significar que uma pessoa não está disposta a engolir sapos e a deixar barato um insulto ou prejuízo e exige explicações, desculpas ou reparação.

A primeira surge na BN no começo do século XX:

[Um deputado em acalorada discussão com um colega...] para não ficar atrás, retorquiu proferindo lagartos e cobras contra o primeiro, que, não querendo levar desaforo para casa, replicou com cobras mais venenosas que as primeiras de que lançara mão. (“Tagarela” RJ, 03-11-1904)

Já a segunda admite diversas formas variantes – tirar satisfação / satisfações; tomar satisfação / satisfações; etc. – e se assenta em “satisfação” entendida não como “contentamento”, mas como “reparação do mal causado a alguém ou da injúria feita ao próximo, ou a Deus pelo pecado” ou “explicação, desculpa ou justificativa que se dá ou exige de alguém” (Houaiss). Assim, por exemplo, lemos em um periódico religioso na BN:

A fé não é o unico dever; é a chave, é um meio necessario e seguro, mas não toda a satisfação que devemos por nossos peccados, e para que a misericordia do Senhor se incline em nosso favor, ficando satisfeita a sua justiça.

(“A Cruz” RJ, 18-08-1861”

Ou nas discussões do Parlamento:

O codigo criminal estabeleceu o principio, de que era sempre devida a satisfação pelo crime; porém a camara sabe que esse capitulo do codigo criminal a respeito de satisfações estabeleceu certas restrições.

(“Annaes do Parlamento Brasileiro” RJ, 1876)

Já “tirar satisfações”, tem sua primeira aparição na BN em “O Despertador” (RJ, 12-12-1840) e na forma em singular, ocorre por primeira vez em:

Ousareis negar-me que vos não excita a miude a tirar satisfação de uma offensa à vossa familia feita quando apenas deixaveis as mantilhas?

(“Lavoura e Commercio” SP, 30-01-1900)

Já as formas, hoje menos usual de tomar satisfação (/satisfações: esta estreando em “O Astro de Minas” de 09-08-1828) é mais antiga e dá-se por primeira vez em:

Não será imprudencia o querer tomar satisfação por hum insulto (se tal nome lhe podemos dar) feito a pessoa que já não existe?
 (“O Universal” MG, 26-06-1826)

Pano de fundo

Quem hoje emprega a metáfora “pano de fundo” para se referir ao contexto ou à situação geral em que algo acontece, talvez não se recorde de que, originalmente, essa expressão procede de um recurso cênico próprio do teatro, da ópera, do cinema e da fotografia: o tecido ou a imagem que fica atrás do palco, compondo o cenário. É nesse significado literal que se ancora seu uso estendido, como quando dizemos: “o interesse financeiro é o pano de fundo dessa discussão política”.

Assim, a silhueta de Nova York ao fundo de King Kong ou o cenário parisiense que serve de fundo para as fotos do álbum de casamento dispensam os custos de uma locação real.



<https://www.amazon.com.br/Yielder-poli%C3%A9ster-fotografia-casamento-decora%C3%A7%C3%A3o/dp/B0BYV3P6FM?th=1>

O pano de fundo, antigamente objeto de destaque autoral, era, nas óperas um elemento tão essencial quanto as interpretações musicais, o vestuário, a iluminação e a atuação teatral. Como lemos em uma crítica artística da BN à encenação da ópera *Bondelmonte* por uma companhia lírica italiana no Rio de Janeiro:

O senario é sumptuoso; tudo ahi é propriedade: principalmente esse panno do fundo no terceiro acto onde se demonstra o grande genio desse artista que appareceu entre nós para tão depressa deixar-nos. A illusão é completa nessa pintura: o nome do finado Escarrabello será recordado com saudade todas as vezes que admirarmos esse seu grande trabalho, bem difficil de ser imitado. (“Periodico dos Pobres” RJ, 13-11-1851)

O testemunho evidencia que, longe de ser um mero elemento decorativo, o pano de fundo podia alcançar estatuto de criação artística autônoma, capaz de suscitar admiração e memória. É precisamente essa força silenciosa – a de sustentar e qualificar a cena sem se impor como protagonista – que explica a vitalidade da expressão em seu sentido metafórico até os dias de hoje.

Para-choques de caminhão – filosofia do irmão da estrada

A vigorosa tradição brasileira – hoje em declínio – de os caminhoneiros gravarem nos para-choques de seus veículos máximas que os personalizem tem sua primeira ocorrência na BN em 1950. Durante décadas foram inúmeras as sentenças – humorísticas, religiosas, filosóficas, picantes etc. –, muitas delas engenhosas, que eram assim compartilhadas com os “irmãos da estrada”.

O primeiro registro na BN – com inscrição incipiente: atípica e longa! – pode ter sido ser quase contemporâneo da prática:

Relampago do norte – Gravada em letras vermelhas, sobre fundo prateado, no para choque de um caminhão. Quem fôr nervoso ou

medroso evite viajar nesse carro que corre, às vezes, com velocidade de um relâmpago!

(“Diario de Pernambuco”, 29-05-1950)

Por ter sido fenômeno de extraordinária importância sociológica, recolho aqui – com base em diversas fontes – uma pequena coletânea dessas máximas.

Em cada coração, uma saudade.
Se grito [buzina] resolvesse, porco não morria.
Dirigido por mim, guiado por Deus.
Feliz foi Adão, que não teve sogra nem caminhão.
Marido de mulher feia tem raiva de feriado.
Na subida ocê me aperta, na descida nós acerta...
Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono.
Dinheiro não traz felicidade. Manda buscar...
Se casamento fosse bom não precisaria de testemunhas.
Pobre só toma laranjada quando tem briga na feira.
Se o amor é cego o negócio é apalpar.
Alegria de poste é estar em mato sem cachorro.
Antes eu sonhava, agora nem durmo mais.
Todo broto sempre dá galho.
Tudo na vida é passageiro, menos o cobrador e o motorista.
Virgem Maria, como bate essa lataria!
Se ferradura desse sorte, cavalo não puxava carroça.
Na estrada da vida não tem acostamento.
Se me vir abraçado com mulher feia, aparta que é briga.
Este veículo é rastreado por Deus.
Nóis capota, mas não breca.
Fé em Deus e pé na tábua.
Deus é joia, o resto é bijuteria.
Casei com Maria, mas viajo com Mercedes.



<https://www.robustec.ind.br/blog/as-50-melhores-frases-em-para-choque-de-caminhao/?srsltid=AfmBOoqkf-vgqt290w9ewigS34t1HpVjvTa8JP2xhehJ4L1VRliVhTa8>

Viajo porque preciso, volto porque te amo.

Não sou rei, mas gosto de coroa.

Herrar é humano!

Não me siga, estou perdido!

Depois da tempestade vem a... enchente.

Não é pressa, é saudade!

Mais perigoso que cavalo na estrada, é burro no volante

A inveja é uma m...

Veículo rastreado por vizinhos fofoqueiros.

Cabe aqui uma comparação com um correspondente antigo e medieval de nossas sentenças de caminhoneiros: as inscrições em relógios de sol! Retomo aqui considerações que teci há quase 40 anos sobre esse tema e que se acham em: http://www.hottopos.com/mirand5/et_pilo_sua_umbra.htm

Quem entenda a história como um saber essencialmente ligado à compreensão, não menosprezará por princípio fontes “menores”, que, na verdade, podem ser decisivas para a captação do “outro”, que se manifesta – por vezes de modo único e especial – em formas aparentemente irrelevantes como as inscrições em para-choques de caminhão no Brasil ou em seu equivalente medieval e antigo – as inscrições em relógios de sol.

Para a compreensão de outra cultura, distante da nossa no tempo ou no espaço, não são importantes somente as grandes fontes, os “grandes documentos”, os autores de peso, mas também (e, por vezes, principalmente) as grandes pistas que nos são dadas por fontes à primeira vista sem maior importância, mas que frequentemente são as mais reveladoras da alma do povo.

Esta é a razão pela qual o *Dictionnaire Robert de Proverbes et Dictons*, no capítulo dedicado ao Brasil, contempla exclusivamente nosso “*fait unique*” das inscrições em pára-choques de caminhões. Guardadas as devidas proporções (o espírito lúdico e o senso religioso são características do Brasil e da Idade Média, mas os relógios medievais tendem mais para este, enquanto nossos caminhoneiros trabalham mais com aquele), talvez o mesmo papel, a mesma “filosofia” popular, a mesma ingenuidade brasileira sejam exercidas pelas inscrições nos relógios de sol.

Seja como for, a sentença curta, por vezes rimada ou ritmada, incisiva, que faz pensar e transmite uma mensagem – frequentemente sobre o sentido do tempo e da eternidade, da contingência e da efêmera condição humana – acompanham os relógios de sol em sua silenciosa missão: o viandante que quer a hora deve meditar sobre a sentença proposta. Apresentamos a seguir uma pequena amostra dessas inscrições; algumas das quais evocam o senso lúdico brasileiro.



www.shutterstock.com - 1258465273

C

Há séculos o relógio de sol já apregoava fontes alternativas de energia:

A LUMINE MOTUS
Movido a luz

A vida eterna depende do bem agir neste momento:

AB HOC MOMENTO PENDET AETERNITAS
Deste momento depende a eternidade

Não despreze o que é pequeno:

ET PILO SUA UMBRA
Mesmo um fio de cabelo tem sua sombra

A vida humana, como o ciclo do dia, tende à morte:

AD OCCASUM TENDIMUS OMNES
Tendemos todos ao ocaso

O sol é a alegoria clássica para Cristo:

ADORA SOLEM QUI NON FACIT OCCASUM
Adora o sol que não tem ocaso

Nos vazios da existência, Deus, silenciosamente, está presente:

DEUS HABET HORAS ET MORAS
Deus tem suas horas e suas pausas

O lúdico, evocando notas musicais:

DO, SI SOL
Só dou (a hora) se há sol

O salmo (Sl, 26.1):

DOMINUS ILLUMINATIO MEA
O Senhor é a minha luz

O trocadilho:

FESTINA MOX NOX
Apressa-te, logo será noite

Ainda o efêmero humano:

FORSITAN ULTIMA
Talvez esta seja tua última (hora)

O lúdico no trocadilho alusivo à resposta das ladainhas “*ora pro nobis*”, “rogai por nós”:

HORA PRO NOBIS
Que a hora nos seja favorável

Em meio ao pessimismo da consideração da contingência humana, um poema luminoso:

HORAS NON NOTO NISI LUCIDAS
Só registro as horas luminosas

O silêncio eloquente:

MUTUS LOQUOR
Falo, embora calado

O que passa e o que fica:

TRANSIT HORA, MANENT OPERA
As horas passam, as obras ficam

Pisar em ovos / campo minado

Pisar em ovos. Inicialmente, na BN a expressão era usada somente como sinônima de andar devagar ou furtivamente. Nesse sentido, aparece por primeira vez em um artigo sobre as diversas formas de “presunção” utilizadas pelas pessoas. E descreve um desses tipos de mulher:

Outra presume de bem feita, e garbosa, e anda aos pulinhos, pisando ovos, e saracoteando as anquinhas, que são muito suas, porque as comprou com o seu dinheiro.

(“Jornal do Commercio” RJ, 16-04-1834)

Somente mais de quarenta anos depois é que começa a ser usada como metáfora – do agir com cautela – para diversos setores da vida. Nesse sentido, foi, em 1878, empregada por primeira vez como metáfora política: e esse, então inusitado, uso figurado chegou a causar risos! Foi em um debate na Assembleia Provincial da Bahia – do qual participou o jovem deputado Ruy Barbosa! – sobre um ruidoso caso que culminou com a queda do ministro José Bento:

O Sr. Rodrigues Seixas: – (O caso...) ao chegar à barra de um tribunal honrado, qual é o do character do Sr. José Bento, ahi esbarrou, e consumiu tanto o ministerio, que custou a demissão do pobre Sr. José Bento, que depois declarou na camara em linguagem um pouco titubeante, dizendo – meus senhores, estou pisando em ovos. (Hilaridade)

O Sr. J. Sodré: – E pisou sem quebral-os.

O Sr. Rodrigues Seixas: – E como foi demitido

O Sr. José Bento: – Da maneira a mais atroz.

(“Annaes da Assembléa Legislativa Provincial da Bahia” RJ, 1878)

A partir daí, a metáfora torna-se usual, como na caricatura do novo Ministro das Relações Exteriores – “o homem que vae d’ora avante pisar em ovos”.



(“O Gato” RJ, 17-02-1911)

Pisar em campo minado. Com a popularização da terrível arma das minas na Segunda Guerra Mundial, não é de estranhar que surgisse uma nova metáfora para o agir cuidadoso: “pisar em campo minado”. Assim, nas incertezas políticas após a morte de Getúlio Vargas, um editorial do “Jornal do Brasil” (RJ, 25-01-1955) intitula-se precisamente “Pisando em campo minado” e diz:

Não há solução, por mais alta que venha a colocar sua imparcialidade de magistrado à coberto de suspeitas. E' preciso caminhar com o maximo cuidado por esse caminho de minas explosivas que se tornou a política nacional.

Provérbios em frases nominais

Também aqui retomo considerações feitas em outro estudo. Em muitas línguas orientais – como o árabe e o chinês, por exemplo – não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e elas estão muito mais familiarizadas com a frase nominal do que o falante ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito esse mesmo verbo. Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias, à qual já estamos tão habituados que não reparamos em quão dispensável pode ser, nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas.

É interessante notar que nós mesmos podemos prescindir do verbo “ser” em certos contextos, como o dos provérbios, não por acaso uma primorosa “especialidade” das tradições árabe e chinesa. Assim, aproximamo-nos dos sistemas língua/pensamento (J. Lohmann) dos Orientes, quando assumimos essa “fôrma” em enunciados proverbiais, como:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Cada macaco no seu galho.

Longe dos olhos, longe do coração.

Cada louco com sua mania.

Pão, pão; queijo, queijo.

Cada um por si, Deus por todos.

Cada coisa a seu tempo.

Cada um no seu quadrado.

Cada panela com sua tampa.

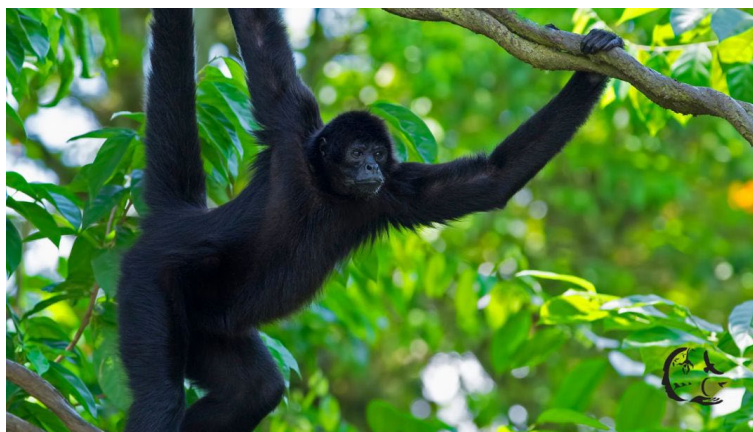
Cada cabeça, uma sentença.

Cada um com seus “pobrema”.

Olho por olho, dente por dente.

Amigos, amigos; negócios à parte.

Nesses casos, a formulação rigorosamente completa à maneira ocidental seria: “Tal (como é) o pai, tal (também será) o filho”; “(Em) casa de ferreiro o espeto (costuma ser) de pau”; “É conveniente para a ordem da selva que) cada (macaco) esteja (em) seu galho”; “Quem estiver longe dos olhos...”; “Cada louco (está)...” etc.



<https://communityconservation.org/saving-black-spider-monkeys-how-community-based-conservation-in-colombia-is-helping-them/>

O provérbio em frase nominal, tal como o pensamento oriental, pretende expressar uma associação imediata de imagens, uma conexão entre dois polos, que não requer outro aval que o da tradição, por vezes milenar...

Sem mais delongas e outros bordões de floreio

Retomo aqui o que afirmei alhures sobre o gosto popular por bordões de floreio, que se adicionam à fala para efeito de ênfase ou jocosidade (até que se tornem enjoativos e caíam em desuso). Substitui-se: “após longo tempo” (de penúria), por “depois de um longo e tenebroso inverno”; “em síntese”, por “resumo da ópera”; “portuguesa” (linguiça, festa, sardinha, final de futebol, pizza etc.), por “portuguesa, com certeza”; acrescenta-se “como diria Jack, o Estripador” a “vamos por partes”; e “Houston” a “temos um problema” etc. Naturalmente, os jovens que ouvem ou usam essas expressões não têm conexão com sua origem histórica: a maioria nem sabe o que é um libreto de ópera; nunca ouviram “Uma casa portuguesa” – celeberrima canção de 1953, da divina Amália Rodrigues (também ela lhes é desconhecida), cujo refrão era “É uma casa portuguesa, com certeza; é com certeza uma casa portuguesa”; desconhecem “Jack the Ripper”. E não têm a mínima ideia do que seja esse inverno “longo e tenebroso”, verso de poema esquecido recolhido em antigos livros didáticos...

Sem mais delongas. Assim, quando o jovial anfitrião diz jocosamente a seus convidados: “– Cavalheiros, proponho que, sem mais delongas, ataquemos as pizzas antes que elas esfriem!”, está parodiando uma antiquíssima tradição de solenes floreios, iniciada na BN há mais de 200 anos, quando o Visconde de Barbacena atreveu-se a urgir o Príncipe Regente, Dom Pedro I, a tomar certas medidas políticas:

Resta-nos unicamente que Vossa Alteza Real sem mais delongas, meta mãos à huma obra tão importante; e então se hirão descobrindo as chagas, que tem aberto em nós, a inércia, a má política, o desgoverno; e o remédio se applicará.

(“Gazeta do Rio de Janeiro”, 20-06-1822)

Como manda o figurino. Parodiando o significado de “figurino” como “pessoa que segue rigorosamente as últimas tendências ditadas pela moda” (Houaiss), o senso lúdico estende a expressão para qualquer roteiro convencional, muitas vezes cristalizado, como, por exemplo: “– Ontem, na cerimônia de formatura, tudo como manda o figurino: o mestre de cerimônias brega e afetado, e cada orador prometeu ser breve – e cumpriu exatamente o contrário”. Já a primeira aparição da expressão na BN tem sua ironia:

Além de varias outras qualidades, “seu” Ovidio [presidente do time de futebol Bandeirantes] é de uma distincção unica. Não ha jogo realizado no gramado do Bandeirantes que ele não molhe a guéla do pessoal da imprensa. Ante-hontem foi mais uma vez verificado tal fâto. [Por meio de um assessor] enviou aos rapazes da imprensa varias cervejas e guaraná, que foram ingeridos com grande prazer.

O Marrequinho contou-nos isso. Svengali lamentou não estar presente, pois no Espanha foi guéla seca, como manda o figurino...

(“Gazeta Popular” SP, 08-08-1933)

Intrigas da oposição. Expressão muito antiga, quase bicentenária na BN, usada como um “antídoto universal” diante de qualquer crítica no campo público, pois exime o político de enfrentar acusações concretas,

frequentemente formulada com o acréscimo generalizante e desdenhoso: “Tudo isso não passa de intrigas da oposição!”. Empregada de forma recorrente por poderosos, ao longo de décadas, acabou por popularizar-se e passou a ser usada jocosamente por pessoas comuns, sem maior expressão e envergadura sequer para contar com uma “oposição”, e em situações banais: “– Não fui eu que comi o último pedaço de bolo! Isso não passa de intrigas da oposição!”

Como dissemos, a primeira aparição da expressão na BN é antiga:

As intrigas da Oposição de 1838, as sizanias espalhadas entre os Ministros, louvando uns e deprimindo outros, não podiam ter por objecto a união dos Ministros.

(“O Sete d’Abril” RJ, 04-07-1838)

Tenha a santa paciência!

Chama a atenção o fato de que dentre as dezenas de virtudes que se requerem do cristão, nenhuma se consolidou tão fortemente em expressão com o adjetivo “santa”, como a “paciência”. Teoricamente todas as virtudes poderiam se qualificar com “santa” e, por isso mesmo, não são necessárias expressões nesse sentido. Em alguns casos, cabe a distinção, como por exemplo em “santa ira” – aquela de Cristo expulsando a chicotadas os vendilhões do templo (João 2:13-22, Marcos 11:15-18 e Lucas 9:45-48), em oposição à ira que é pecado capital.

Bicentenária e muito frequente na BN, a primeira ocorrência da expressão dá-se em carta de um leitor, que, após elogiar o redator do jornal, adverte:

Vá indo assim, e deixe zunirem os zangões. Mas para que não fique pensando, que eu o insenso, dir-lhe-hei que estou para chamá-lo também à palmatoria; tenha santa paciência: a seu tempo lhe direi o motivo; eu sou velho, devo dizer o que sinto, e como sou seu amigo não o devo poupar. Deos o guarde.

(“Imperio do Brasil” RJ, 03-07-1824)

Paciência de Jó. Expressão que aparece desde sempre na BN e é muito frequente na imprensa nacional. Jó é o paciente por excelência, a própria paciência personificada. A locução aparece pela primeira vez na BN em:

Quase que atinamos com o foco desta intriga: ella he nova; e se quizessemos agora mesmo declarar os seus agentes era de sobejo procurar-lhe a data, o que faremos se continuarem, pois nem sempre nos revestiremos de paciência de Job, para aturarmos os seus authores sem os expormos ao Juiz Publico.

(“O Constitucional” BA, 03-06-1822)

Paciência beneditina. Se a paciência de Jó foi a de enfrentar todos os sofrimentos – desde o físico até as diversas perdas – a “paciência beneditina” é específica para a realização de trabalhos longos, rotineiros e sem brilho, como o dos monges copistas da Idade Média. A expressão surge na BN na primeira década do século XX:

Os frades de San-Bento eram frades *Benedetinos*, como quem diz, de San-*Benedito*; e de mim próprio, que não sou frade *bento* há quem diga que tenho paciência *beneditina*, para aguentar mais de sete *bajoujos*.

(“Pacotilha” MA, 08-02-1916)

Vergonha na cara / Criar vergonha.

A vergonha, assim o exige a consagrada fórmula, bicentenária na BN, é “na cara”. Reza a lenda, mil vezes repetida, que o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) teria proposto um modelo de Constituição com os seguintes artigos:

Art. 1º Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha na cara. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Na verdade, essa é uma versão floreada, “melhorada”, da sentença original, que é mais enxuta e de menos efeito, proferida em uma entrevista de Capistrano ao jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, publicada em 9 de janeiro de

1926. Em época de proposta de reforma constitucional, após se queixar de que querem atribuir os erros à lei, o historiador afirma simplesmente:

Eu proporia que se substituissem todos os artigos da Constituição, decretando: “Artigo único: Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha”.

A frase não teve nenhuma repercussão na imprensa na época em que foi proferida. Ela só começa a ser lembrada (por vezes, com ligeiras alterações) na década de 30, até atingir a forma que se cristalizou na lenda, 30 anos depois, consagrada como epígrafe de um longo artigo de David Nasser na difundidíssima revista *O Cruzeiro*, em 14 de abril de 1956.

No artigo, Nasser enfatiza a vergonha com “na cara”. “Vergonha na cara” – a cara que deve se ruborizar – é expressão presente desde sempre na BN, onde aparece pela primeira vez em *O Imperio do Brasil* (Rio de Janeiro, 1º de julho de 1828):

Se se lembrasse disto, e do Officio que dirigio a S. M. I. e C., certamente havia de ter mais pejo de fallar n’uma cousa, que elle interiormente detesta!! Mas coitado, vergonha na cara do Sr. Barros, he o mesmo que (a)!! Tal he o homem servil, e orgulhoso: elle he insuportavel quando poderoso.

Mas há outro aspecto muito importante na entrevista de Capistrano e que tem a ver com o primado da vergonha: a organização da sociedade moderna. Ele investe contra a industrialização e a vida na cidade, lamentando que “abandonámos a lavoura pela industria. Somos um povo infeliz”.

Quando o jornalista Boris Casoy repete seu bordão “Isto é uma vergonha!”, está pagando um tributo à milenar herança semita (judaica e árabe). Nessa tradição, os pais, mais do que repreender o filho com base em padrões éticos, filosóficos, de “princípios” etc., preferem simplesmente dizer: “O que você fez é uma vergonha!”. E é que a vida nas aldeias do campo, completamente articulada com o todo da comunidade, torna a vergonha (a honra) um absoluto. Já quem vive, por exemplo, no anonimato de São Paulo (a grande São Paulo possui cerca de 22 milhões de habitantes) não sabe – e nem quer saber – de seus vizinhos e, em todo caso, só se preocupará talvez em não

contratar a faxineira que presta serviços a outros no mesmo prédio, para prevenir fofocas.

Notemos também que, em uma sociedade tradicional, o insulto “você é um sem-vergonha” tinha, naturalmente, muito mais força. Hoje, porém, essa ofensa tende a perder força.

Criar vergonha. Esta é sesquicentenária na imprensa. No gosto popular, mais do que “tomar” (ou “revestir-se de”...) vergonha, a expressão preferida é “criar vergonha”. Sua primeira ocorrência na BN é:

Subdelegados do jaez deste é do que precisam os homens da actualidade porque são capazes de tudo e para tudo. A sua audacia já chegou ao ponto de mandar o tenente-coronel Antonio Pedro de Oliveira, criar vergonha, na ocasião em que lhe foi pedir por um recruta dos que seguem n'este vapor.

(“O Liberal do Pará”, 11-01-1873)

Parte II

Vinte e tantas expressões consagradas desde o século XIX para designar pequenas quantidades e nuances.

Desde o século XIX, a língua portuguesa tem se enriquecido com uma série de expressões consagradas que, de maneira sugestiva, designam pequenas quantidades ou sutis nuances de sentimentos, ideias e percepções. Essas fórmulas clichê, muitas vezes carregadas de um tom coloquial e ao mesmo tempo literário, revelam a delicadeza com que a linguagem pode captar as minúcias da experiência humana.

Expressões como “sem sombra de dúvida”, “não ter um pingo de vergonha” ou “pontinha de inveja” são exemplos claros de como pequenas doses de emoções são evocadas com precisão e leveza. Outras, como “vaga lembrança”, “pálida ideia” e “leve impressão”, traduzem a fragilidade e a efemeridade de percepções e memórias, enquanto “dose de ingenuidade” e “traço de tristeza” apontam para a sutileza dos estados emocionais.

Além disso, expressões que indicam pequenas medidas físicas, como “dois dedos de prosa” e “palmo adiante do nariz”, ampliam essa riqueza linguística, trazendo uma dimensão concreta para o abstrato. Por fim, termos como “fio de esperança” e “lampejo de consciência” ilustram a tênue linha entre o sentimento e a revelação, entre a dúvida e a certeza.

Este capítulo se propõe a analisar essas expressões, explorando suas origens, usos e o papel que desempenham na construção de sentidos delicados e profundos, tão característicos da linguagem do século XIX e ainda presentes em nosso cotidiano. São elas: “sem sombra de dúvida”, “não ter um pingo de vergonha”, “pontinha de inveja”, “ponta de inveja”, “pontinha de ciúme”, “pitada de ciúme”, “ponta de ciúme”, “vaga lembrança (/ideia / noção)”, “mínima ideia”, “pálida ideia”, “mínima noção”, “leve impressão”, “dose de ingenuidade”, “traço de tristeza”, “toque de classe”, “dedo de prosa”, “dois dedos de prosa”, “palmo adiante do nariz”, “fio de esperança”, “lampejo de consciência”, “parcos conhecimentos”, “resto de esperança”, “assomo de coragem” e “singela homenagem”.

Sem sombra de dúvida

A expressão “sem sombra de dúvida” é amplamente utilizada, há mais de duzentos anos na imprensa nacional! Podemos, é claro, dizer que não há “nenhum traço” de dúvida, “nenhum cheiro” ou “nem um pingo” de dúvida, mas é a sombra que impera no gosto popular. Sua primeira ocorrência na BN é:

O discurso do Arcebispo da Bahia, Presidente das Côrtes extraordinarias de Lisboa, no 1.º de Fevereiro do corrente anno de 1821, pronunciado (como ahi se expressa) no *Sanctuario da Nação*, na Installação da *Nova Regencia*, ou Governo Executivo em Nome de El-Rei o Senhor D. João VI, apoiado na mais sã Politica, e declarando [ilegível: conservadora?] firmeza dos uteis Tratados com as Potencias [ilegível: estrangeiras?] não deixa sombra de duvida sobre a preservação do liberal Systema conciliatorio dos bem entendidos Interesses e Direitos de Portugal e Brasil, que constituem huma só Nação Portugueza, flanqueada dos mais Estados e Territorios da Corôa nas outras Partes do Mundo.

(“O Conciliador do Reino Unido” RJ, No. VII, 1821)

Pingo de vergonha

Também são muito antigas algumas expressões com “vergonha”, como a que se consagrou para expressar o mínimo desse sentimento, “**pingo de vergonha**”, que surgiu na BN há quase 180 anos:

Com essa gente com efeito, não se deixou illudir o Ex.mo Presidente actual do Piauhy, o Ex.mo Sr. Dr. Marcos que aliaz tem muita honra em ter por seus amigos [Fulano, Sicrano e Beltrano], não se tem deixado governar por esses Srs., he verdade esta tão incontestavel, que se o Sr. Dr. Bahia, e o Sr. Dr. Miguel

Fernandes Vieira são inda capazes de fazer com que lhes chegue as faces algum pingo de vergonha.

(“O Governista” PI, 12-02-1848)

Pontinha de inveja

Sendo vício especialmente repugnante, a acusação de senti-la pode parecer muito agressiva. Para atenuar essa ideia – em casos de sentimento leve ou sutil de inveja, talvez até misturado com admiração ou reconhecimento –, recorre-se à expressão consagrada, bicentenária na BN, que a reduz a uma simples “pontinha” (ou “ponta”, como veremos a seguir).

Sua primeira aparição na BN, dá-se na imprensa portuguesa:

Sua excellencia o governador tinha chegado n’essa manhã. Todos diziam baixinho, a medo, com um sorriso malicioso, que era por causa das eleições. E ainda mais baixo, ao ouvido, fallava-se em Vasco, uns com desdém, com uma pontinha de inveja, e outros mais fracos com um respeito, como quem se curva diante de uma potencia.

(Jornal da Noite” Lisboa, 02-08-1879)

Sete anos depois, a expressão ingressa e se consolida na imprensa brasileira, com sua primeira ocorrência em:

As espanholas passam por ser as mulheres mais graciosas, senão as mais formosas, do mundo. As francezas são espirituosas e voluveis, as italianas são apaixonadas e altivas, as portuguezas são romanticas e caprichosas e as brasileiras (para só falarmos da raça latina) são languidas e affectuosas. Todas são bellas, todas são elegantes, todas são... mulheres. Mas todas ellas, apesar das suas qualidades, nutrem uma pontinha de inveja contra as espanholas, contra as filhas desse paiz excepcional onde o arabe

deixou vestígios inapagáveis tanto nos monumentos como no sangue.

(“O Paiz” RJ, 28-04-1886)

Ponta de inveja

Curiosamente, “ponta de inveja” surge na BN no mesmo ano que “pontinha de inveja”. Sua primeira ocorrência é:

A maior parte dos cavalleiros complimentavam, outros olhavam e admiravam, porque a amazona, como já o dissemos, era d'aquellas cuja belleza é indiscutivel e se impõe.

– Que maravilhosa creatura! repotiam aquelles que lhe ignoravam o nome.

Os que a conheciam, depois de ter obtido um ligeiro acceno de cabeça em troca de uma grande barretada, diziam:

– A formosa Mme. Meytman!

As mulheres admiravam tambem, mas com a ponta de inveja que acompanha sempre n'ellas os louvores e os elogios que se vêm obrigadas a dispensar a uma creatura do seu sexo.

(“Gazeta de Noticias” RJ, 20-10-1886)

Pontinha de ciúme

O diminutivo “pontinha”, aplicado à inveja, talvez tenha sido inspirado em uma expressão anterior, “pontinha de ciúme”, bastante frequente na BN, desde 1851. Sua primeira ocorrência dá-se em uma resenha da peça de teatro “A Creada Grave”:

Na Creada Grave; um amigo, do genero ostra, que pretende legar o seu nome á posteridade como um modelo de amigo, muda de proceder quando outro sentimento o subjuga, como elle mesmo

diz. Uma mulher, que resistia ao amante, quasi que se lhe atira á cara; quando é picada por uma pontinha de ciúme.

(“Gazeta de Noticias” RJ, 09-03-1881)

Ponta de ciúme

Só quase um século depois surge, em nossa imprensa, a expressão “**pitada de ciúme**” (“Diário de Notícias” RJ, 22-02-1953), pois “ponta de ciúme” ocorre na BN já em 1861:

Nunca eu lhe tinha feito perguntas directas; ella não adivinhava os motivos de minha transformação, e talvez, esperasse fazer cessar, com uma ponta de ciúme a frieza illusoria que velava os tormentos de minha paixão

(“Diario de Pernambuco”, 11-07-1861)

Vaga lembrança (/ideia / noção)

Três expressões que trazem a marca da imprecisão do termo “vaga” têm origem no século XIX e chegaram até os dias atuais com força e vivacidade. Usamos “vaga” para indicar uma lembrança pouco nítida, uma ideia ainda não totalmente elaborada ou noção, que, por si só, já é precária e indefinida.

Vaga lembrança tem, em 1845, sua primeira aparição na BN:

Será acaso a liberdade inimiga de construir sem destruir?... Em geral não affirmamos, pois temos mesmo exemplos contrarios em muitos paizes.... mas no Brasil assim parece ser. Actualmente muito se calcula, muito se apregoa a economia, porém a cada momento se constroem magestosas illuminações que pouco depois cedem à mão brutal da destruição, e deixam no espirito,

não só huma vaga lembrança de sua belleza, como tambem hum profundo pesar da brevidade de sua duração.

(“O Ostensor” RJ, 1845)

Vaga ideia – expressão que prontamente se difundiu – surge em 1845:

– Animo tenha, me disse Balbi; e Marco Terribili continuou em voz baixa, dirigindo-se a mim, em quanto olhava para outra parte:

– À noite, quando todos dormirem, hei de eu sonhar. Quem quizer ouvir não durma.

– Eu escutei o recado com atenção; e, sem poder adivinhar o sentido occulto daquellas palavras, tive huma vaga idéa que diziam respeito à minha liberdade.

(“O Depertador” RJ, 15-10-1840)

Mínima ideia – irmã de “mínima noção” – é em geral usada na forma negativa. É bicentenária sua primeira ocorrência na BN:

Os moradores dos campos, os lavradores, e os proprietários de Engenhos, até então expostos à rapacidade, e insolencias de huma tropa desorientada, e sem a minima idéa de ordem, e disciplina, julgam-se seguros; e já não temem ser victimas da anarchia.

(“O Grito da Razão” RJ, 26-02-1825)

Pálida ideia – outra fórmula feita para “ideia”, já com 175 anos de BN. Sua primeira ocorrência em nossa imprensa foi a seguinte:

O nobre ministro, tendo fallado por espaço de uma hora, interrompeu o seu discurso por já passar da hora de terminar a sessão; e o concluirá segunda feira. Apenas damos uma pálida idéia do que disse S. Exc.: a alta capacidade do Sr. Paulino, reconhecida pelo paiz inteiro, dispensa-nos de tecer elogio ao brilhante discurso que hoje proferiu, e que foi ouvido com a mais subida atenção por todo o Senado.

(“O Correio da Tarde” RJ, 24-05-1851)

Vaga noção surge em 1869 em quatro periódicos da BN. Uma dessas ocorrências descreve a beleza da Rainha do Baile:

Quanto aos dons naturaes do seu bello e angelico semblante não o sei descrever; posso apenas dizer que tem dous olhos que são dous sóes a expellir raios tão brilhantes e magicos que são capazes de penetrar o mais encouraçado coração. A isto ajunta-se o sorrir que é um céu abrindo-se para mostrar os esplendores de uma belleza divina e ter-se-ha uma vaga noção da rainha do baile, toda belleza, toda graça e toda poesia. Tinha a magestade da palmeira e flexibilidade do caniço, na phrase de de Chateaubriand.

(“Diario de Belem”, 21-11-1869)

Mínima noção – companheira de “vaga noção” – estreia em 1839:

Conviria também dizer-lhe que o charlatão não tem nem pôde ter conhecimento algum das molestias, e que ainda quando o seu remedio tivesse as virtudes que lhe attribue, não o podia saber applicar &c. &c. Admira na verdade haver gente tão tresloucada que crê que uma velha ou um homem ignorante, que não teem a minima noção de uma sciencia em extremo difficultosa, podem fazer milagres que não é dado fazer a homens que consagraram a maior parte da vida ao estudo da medicina, a homens que juntam à sua propria experiencia a experiencia de todos os medicos que os precederam ha perto de tres mil annos!

(“Chronica Maranhense”, 04-01-1839)

Leve impressão

Se “pontinha” integra a expressão de inveja; “pingo”, a de vergonha; temos na BN, desde 1843, a “leve impressão”:

Tambem não se persuade o pifio, e bordalengo escriptor do *Guarda nacional*, que a sua lingoagem só propria dos lupanarés

causou-me a mais leve impressão, por quanto avaliando-a pelo que ella he, concidero-a bem comparavel aos uivos do lobo magro, que vaga faminto pelos vastos campos da Bohemia..
 (“Diario de Pernambuco”, 22-06-1843)

Dose de ingenuidade

Mais do que “grau”, “medida”, “porção” etc., a expressão clássica – muito empregada na BN desde 1844 – é “dose de ingenuidade”, que aparece pela primeira vez em:

É um ministerio que se resume em um homem, e esse homem o mais versatil, o mais inconsistente dos nossos estadistas: sim, resume-se em um homem, pois com a maior dose de ingenuidade imaginável é impossivel tomar em serio a capacidade politica do Sr. Coelho, do Sr. Almeida Torres, do Sr. Ernesto.
 (“Astrea” RJ, 18-05-1844)

Traço de tristeza

Se, como vimos, expressões para outros sentimentos humanos valem-se de “sombra”, “pingo”, “ponta” etc., a tristeza – na forma clássica – se associa a “traço”, locução que estreia na BN em 1857:

Foi um trabalho enfadonho e difficil esse de procurar bellas poesias, cujo pensamento correspondesse ao que ditara a musica e cuja cadencia se adaptasse á da partitura. Mas ao menos assim poderemos ter alguns momentos de doce illusão, sem que uma phrase bárbaramente estropeada destruía o encanto das melodias

de Verdi. Depois das notícias alegres venha um traço de tristeza retratar nesta revista a physionomia da semana.

(“Diario do Rio de Janeiro” RJ, 01-02-1857)

Toque de classe

Nas reflexões suscitadas por sua visita ao zoológico de Hamburgo, João Guimarães Rosa inclui, de forma crua, a consideração da miséria humana:

O macaco: homem desregulado. O homem: vice-versa; ou idem.
Monólogo do mono Simão, que se vende por meia casca da fruta:
– Aos homens, falta sinceridade... Dito o que, vai bugiar espontâneo.

Em meio à baixeza geral, podem haver raros casos em que o humano se dá com grandeza, excelência, nobreza e generosidade. Contudo, as línguas impiedosamente registram que, no geral, mono Simão está coberto de razão...

Daí que “ordinário” (como a palavra alemã *gemein*) seja tanto o que é comum, habitual, como “de má índole; sem caráter; reles, ruim <aquele sujeito ordinário enganou o sócio anos a fio>” e “indivíduo grosseiro, mal-educado, indecente, ou de má índole, mau-caráter” (Houaiss). E se “vulgo” é a “maior parte das pessoas; o comum das pessoas” (Houaiss), “vulgar” é “de qualidade inferior; baixo, chulo, grosseiro, reles <usa palavrões e outros termos vulgares>” (Houaiss), a média dos medíocres. Por isso também, “distinto” é elogio, o que é diferente do vulgacho; e “egrégio”, etimologicamente é o que está “fora do rebanho” (*ex-grege*).

Se a massa é considerada inferior e grossa, “gente fina é outra coisa”, tem um sinal que a distingue (*in-signe*). Curiosamente essa locução recupera etimologicamente uma palavra tão antiga quanto a língua portuguesa: fidalgo. Fidalgo (gente fina...) é a composição de “filho de algo”. E “algo” procede do latim *aliquid* = *aliud quid*, “outra coisa” (literalmente: outro quê). O nobre, é o “não vil” (*nobilis: non vilis*).

A ideia de diferenciação, “fundada no mérito, importância ou capacidade individual (no bom ou mau sentido)” (Houaiss), expressa-se no conceito de “classe”: “um hotel de primeira classe”, “um advogadozinho de terceira classe”, “ele só viaja de segunda classe”. Mas, claro, “classe”, sem mais, é positivo: “12 B; infm. elegância de maneiras; educação, categoria, valor, boa qualidade <esta moça se veste com classe> <sempre foi um homem de classe>”(Houaiss). De primeira classe, é também o que é “clássico”...

A expressão “toque de classe” refere-se a um detalhe, característica ou gesto que confere distinção a algo ou alguém. Ela surge na BN em 1953, em coluna que avalia diversas figuras o futebol:



**TOQUE CLASSICO E ELEGANTE
NA ROUPA DE COURO DO XV**

Alvaro é um pequeno Sastre que o XV guarda em suas fileiras. Cioso e honrado com sua presença. Durante as más jornadas da ofensiva, o corpo robusto do grande meia surgia sobre o gramado como pujança técnica e destemor diante da luta. Constante, sua produção nunca baixa. Tem o deslanche largo e a visão de campo de um perfeito craque. Dá ao ativo esquadrão quinzista, aquele **toque de classe** e elegância que equilibra o conjunto, que o harmoniza, soldando-lhe as peças com o ouro líquido de seu jogo escorrido e fluente. Às.

(“Mundo Esportivo” SP, 30-10-1953)

Dedo de prosa

Vimos, em diversas outras expressões, formas de indicar pequenas medidas (pingo, sombra, pitada etc.); para conversas breves, desde os anos 1860, a BN registra “um dedo de prosa” e “dois dedos de prosa”, ambas muito empregadas na imprensa nacional. Suas primeiras ocorrências são as seguintes:

La retirar-me esquecendo que tinha de dar um dedo de prosa a uma pessoa; mas o que querem, se vivo atormentado! de todos os lados para onde me volto, censuram-me porque falhei nas curiosidades diplomaticas que vieram da Europa, e outras que aqui se fizeram.

(“Diario de S. Paulo”, 18-11-1866)

V. s. ordenou-me que eu providenciasse sobre o tal caso da escada de corda, dos repolhos do amantetico, e da namoradeira. Logo que ouvi a minha missa, e dei dois dedos de prosa nas tostadas da Sé, subi e indireitei para Santa Iphigenia.
(“Correio Paulistano”, 26-10-1862)

Palmo adiante do nariz

Já para o caso de pequenas distâncias de visibilidade, contamos com uma fórmula clássica – mais do que bicentenária em nossa imprensa –: “um palmo adiante do nariz”. Ela surge na BN em uma polêmica entre dois jornais. O “Tamoyo” responde agressivamente a uma crítica que lhe fora feita pelo “Sylpho”:

(...) Podia perguntar ao Sylpho quando viu encarcerar e deportar escriptores pelo simples facto de censurarem actos do Governo no tempo dos ex-Ministros, contra quem dirige as suas pontarias; porem deixando isso de parte; he galante o paralelo, em que o Sylpho poem o Tamoyo, Malaguetas e Correios? Só não conhece a differença que existe entre estes Periodicos quem, como o Sylpho, não vê sem luneta um palmo adiante do nariz.
(“O Tamoyo” RJ, 13-09-1823)

Quatro dias depois, o Sylpho responde:

(...) Olhem que não gracejamos; propôz-se a ser util escrevendo, e, achais vós ó leitores, que he qualquer bagatella, além das mencionadas, a declaração de ser o Sylpho curto da (*) vista, e precisar de luneta para ver hum *palmo adiante do nariz*? (...)
(“O Sylpho” RJ, 17-09-1823)

Fio de esperança

Ainda no domínio das pequenas porções, para a “esperança”, a expressão tradicional é com “fio”. Surgiu na BN há quase duzentos anos:

Bem sabe o *Catão* que hum Governo intruso, erigido pela violencia, não póde manter-se, dominando só o Rio de Janeiro; que lhe he mister o apoio ou consentimento das provincias; e he deste consentimento que lhe vem arrancar até o ultimo fio de esperança!

(“Aurora Fluminense”, 07-12-1832)

Lampejo de consciência

Dentre os vários “lampejos”, destaca-se na BN, a partir da segunda metade do século XIX, o de “lampejo de consciência”, que ocorre pela primeira vez em um parecer de um censor, a propósito da imoralidade do enredo de uma peça de teatro e do caráter pouco exemplar do protagonista Bruno:

Só uma vez pude entrever uns vestígios de consciência em Bruno, e foi na scena 4^a do 2.^o acto, quando Gonçalo, cego, esmola à porta do escriptorio, revelando, com espanto do filho, que perdera a vista na casa de correcção, quando cumpria a sentença à que o condemnaram pelo furto que não commettera, e que sua companheira, a velha Marianna, jaz entrevada no leito da dor e da miseria.

Porém esse unico lampejo de consciencia desaparece como o meteóro; e o heróe do drama, cerrando os ouvidos aos gritos do remorso e à presença do alfaiate mendigo provocára, dobra-se ainda à magnética [má] influencia de Lafuarca (...)

(“Diario do Rio de Janeiro”, 11-09-1858)

Parcos conhecimentos

Expressão sesquicentenária na BN, que se tornou um chavão na imprensa. Aplicada inicialmente como sinal de – muitas vezes afetada – modéstia de quem a usava, logo passou também a ser aplicada a outros.

Seu surgimento na BN dá-se em:

Portanto, se, além dos ligeiros reparos que iremos, *pari passu*, opondo às asserções do illustrado Sr. Dr. Baptista dos Santos, (...) não tivéssemos de concorrer, com os nossos parques conhecimentos de Epidemiologia, para ser riscada da sciencia uma heresia, que por ahi corre, a respeito da possibilidade de geração espontanea da febre amarella em todos os povoados do vasto litoral maritimo dos grandes rios do Brazil, chamando-se esta febre molestia *pestilencial* infecciosa, opinião que só é explicavel pela ignorancia da historia das epidemias (...)
(“Jornal do Commercio” RJ, 28-04-1877)

A expressão também pode ser usada contra adversários, como em:

Os civilistas affirmavam e affirmam sempre – que o marechal Hermes não está na altura, pelos seus parques conhecimentos, para a suprema investidura da nação – e abroquelados nesta verdade jamais posta em duvida, resistem, sem esforço, aos inuteis e inoffensivos ataques do militarismo, impotente para levar de vencida tão inexpugnavel barreira.
(“Gazeta de Noticias” RJ, 26-12-1909)

Resto de esperança

Se a esperança é a última que morre, seu último reduto – mesmo que seja “um fio” – é um “resto de esperança”. A primeira ocorrência da expressão na BN é:

(Como...) a adopção do Projecto, debaixo de certos limites, e com as emendas que se devem fazer em 2.^a discussão, porá remate à

Revolução, e aldrabará as portas da anarchia, voto por elle. A rejeição d'este Projecto seria o mesmo, que abrir a boceta de Pandora, e faria desvanecer hum resto de esperança de salvação.
("O Correio da Camara de Deputados" RJ, No.9, 1831)

Assomo de coragem

Expressão antiga na imprensa nacional, cuja primeira ocorrência na BN dá-se em:

Quando calçava as luvas e lançava um olhar para o relógio, o criado trouxe-lhe uma carta.

Era de Magdalena.

«Espero, meu caro doutor, que não deixe de vir hoje; esperei-o ontem em vão. Desejo fallar-lhe.»

Estevão acabou de ler este bilhete na escada, com tal pressa descia e tal urgencia tinha de achar-se em casa da viuva.

O que elle não queria era perder aquelle assomo de coragem.

("Jornal das Familias" RJ, maio de 1869)

Singela homenagem

Os funcionários do Tesouro não sabiam, mas quando homenagearam seu chefe – Antonio Nicolau Tolentino –, que se aposentava, criaram um clichê duradouro na imprensa nacional; assim estreando na BN:

Os empregados da 1.^a contadoria do thesouro nacional depuzeram em nossas mãos, para fiel e respeitosamente passarmos às de V. Ex., esta carta – testemunho irrefragavel dos sentimentos de sua legitima gratidão, – singela homenagem que tributam às excellentes e superiores qualidades que adornam a alma de V. Ex.
("Diario do Rio de Janeiro" RJ, 11-11-1855)